



Artigos

Estrabão

Vol. (6): 61 - 71

©Autores

DOI: 10.53455/re.v6i.272



Recebido em: 14/02/2025

Publicado em: 27/04/2025

Juventudes escolarizadas: Entre representações de si e os desafios de ser jovem

School youths: Between self-representations and the challenges of being young

Luisa Carolina Charczuk Viana Barth ^{1A}, Victor Hugo Nedel Oliveira

Resumo:

Contexto: Esta pesquisa investiga as percepções e representações de jovens estudantes do Ensino Médio sobre a juventude, buscando compreender suas experiências cotidianas e seus interesses. O estudo parte de uma perspectiva plural, que reconhece a diversidade das vivências juvenis e suas relações com desigualdades sociais, culturais e econômicas. **Métodos:** A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública de Porto Alegre, com a participação de oito jovens entre 15 e 17 anos. Utilizou-se o grupo focal como principal instrumento metodológico, complementado por um questionário de caracterização inicial. As falas dos participantes foram transcritas e analisadas qualitativamente. **Resultados:** Os dados evidenciam que a juventude é percebida pelos jovens como uma fase plural e diversa, não limitada à classificação etária. Os participantes destacam a juventude como um momento de aprendizado e experimentação, embora marcado por desafios, especialmente para aqueles que precisam conciliar estudos e trabalho. **Conclusões:** A pesquisa apresenta contribuições importantes ao discutir a pluralidade das juventudes e a percepção crítica dos jovens sobre as desigualdades que atravessam suas vidas, apontando para a importância de uma educação conectada às suas realidades e necessidades.

Palavras-Chave: Juventudes; Escola; Grupo Focal; Educação

Abstract:

Context: This research investigates the perceptions and representations of high school students about youth, aiming to understand their daily experiences and interests. The study adopts a plural perspective that recognizes the diversity of youth experiences and their connections to social, cultural, and economic inequalities. **Methods:** The research was conducted in a public school in Porto Alegre, with the participation of eight students aged 15 to 17. The main methodological tool was a focus group, complemented by an initial characterization questionnaire. The participants' statements were transcribed and qualitatively analyzed. **Results:** The data show that youth is perceived by the students as a plural and diverse phase, not limited to age classification. Participants highlight youth as a time for learning and experimentation, although marked by challenges, especially for those who must balance study and work. **Conclusions:** The research offers important contributions by discussing the plurality of youth and the critical perception of young people about the inequalities that cross their lives, emphasizing the importance of an education connected to their realities and needs.

Keywords: Youth; School; Focus Group; Education.

1 - Professor e Pesquisador do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A - Contato principal: victor.nedel@ufrgs.br

Introdução

Discutir juventudes pode parecer uma tarefa simples, afinal, todos passaram ou passarão por essa fase da vida. No entanto, quando se questiona “o que é ser jovem?”, a resposta não é imediata e tampouco única. Surge ainda o questionamento: existe apenas uma definição de juventude? Essa definição é válida em todos os espaços geográficos ou varia de acordo com o contexto, como de um país para outro? No campo jurídico-legal, o Estado Brasileiro define juventude, conforme a Lei Federal nº 12.852/2013, o Estatuto da Juventude (Brasil, 2013), como o período entre 15 e 29 anos de idade, adotando, portanto, um critério etário.

Já no campo acadêmico, a definição de juventudes ultrapassa essa delimitação, abrangendo outros aspectos. Cavalcanti (2023) defende o princípio da pluralidade, afirmando que não é possível caracterizar juventude apenas por faixa etária ou como uma simples transição entre infância e vida adulta. Como aponta Dayrell (2003), os jovens, enquanto sujeitos sociais, constroem modos diversos de ser jovem, baseados em seu cotidiano, vivendo plenamente a juventude, mas condicionados por suas condições concretas de vida (p. 45). As juventudes variam de acordo com o contexto social, renda, cor, gênero, nacionalidade e diversos outros fatores que influenciam diretamente o ato de ser jovem, impossibilitando uma definição restrita a uma faixa etária.

Ainda segundo Cavalcanti (2023), no contexto escolar, a principal atividade dos jovens, para além da socialização tão importante e necessária nessa fase de suas vidas, é aprender a pensar mais amplamente sobre as coisas, sobre os conceitos formulados socialmente. Para isso, seus conhecimentos cotidianos devem ser considerados no processo, de modo que a experiência escolar se torne significativa.

A escola desempenha um papel fundamental no auxílio aos jovens para questionarem seu entorno e compreenderem as relações sociais, promovendo a formação de cidadãos críticos e reflexivos (Oliveira, 2020). Para facilitar esse processo, é essencial partir das experiências e vivências do próprio estudante, começando pela investigação do bairro e da cidade onde vive, permitindo que ele compreenda o todo de forma mais acessível. Com base nessas premissas, a pesquisa buscou construir, junto aos jovens participantes de um grupo focal, uma compreensão sobre quem são esses jovens. Pedagogicamente, como destacado por Cavalcanti (2012), é imprescindível que os professores conheçam seus alunos: suas motivações, histórias, contextos de vida, bem como suas identidades individuais e coletivas. Esse entendimento permite que as aulas ganhem significado e relevância na vida dos estudantes. Assim, compreender quem são os alunos e suas culturas torna-se um passo fundamental para promover melhorias no processo de ensino e aprendizagem (Oliveira, 2021).

Abramo (2005) complementa essa análise ao apresentar o conceito de “condição juvenil”, definido pelas maneiras como as sociedades atribuem significados a essa fase da vida em diversos contextos históricos, socioeconômicos, étnicos, de gênero e de classe. A condição juvenil é distinta para uma pessoa de classe média alta, geralmente dedicada exclusivamente aos estudos, e para uma pessoa de classe baixa periférica, cuja juventude é marcada pela necessidade de trabalhar para o próprio sustento e o da família, muitas vezes conciliando trabalho e estudos.

Verneque (2023) reforça essa visão ao afirmar que o conceito de juventude não se refere a uma categorização biológica, mas a uma construção social. Segundo a autora, o meio no qual o jovem está inserido influencia diretamente sua personalidade, história e futuro. Para ela, a organização social em faixas etárias cristaliza as fases da vida e contribui para a visão de que os jovens, por serem menos experientes, são considerados instáveis e inferiores em relação aos adultos.

Peralva (1997, apud Fernandes, 2023) observa que fatores sociais são determinantes para definir a juventude, e que a entrada no mercado de trabalho marca o início da fase adulta. Contudo, Dayrell (2007) discorda, apontando que para muitos jovens, o ingresso no mercado de trabalho pode ser, na verdade, o início da juventude, pois representa a conquista da primeira renda própria, permitindo o financiamento de atividades típicas da juventude sem necessariamente levar ao abandono escolar.

Novaes et al. (2023) abordam as diferenças geracionais entre juventudes, afirmando que a noção de juventude se transforma ao longo do tempo e ganha contornos específicos em diferentes culturas e sociedades. A organização de direitos voltados aos jovens também contribui para essas mudanças, pois a noção de juventude se modifica no tempo e no espaço, ganhando contornos específicos em diferentes culturas e sociedades (Oliveira, 2024a; 2024b; 2024c). Cada geração vive determinada condição juvenil, cujas marcas sociais comuns estão relacionadas ao momento histórico (Novaes et al., 2023, p. 17).

Conclui-se, portanto, que o conceito de juventude é plural e dinâmico, configurando-se como juventudes. Essa pluralidade é marcada por diversas matrizes sociais – gênero, etnia, geração, classe – e não se limita a uma faixa etária rígida. Cada jovem vive uma juventude única, influenciada pelo tempo histórico, lugar, classe social e trajetória de vida.

Diversos estudos têm se dedicado a compreender as percepções das juventudes sobre diferentes temáticas, como a participação política (Barros, 2018), a relação com a questão ambiental (Silva, 2016), a construção da imagem corporal (Santos; Mezarroba, 2013) e as identidades territoriais (Johan; Felippi, 2018). Essas pesquisas evidenciam a complexidade das vivências juvenis e a forma como os jovens interpretam e significam sua realidade. No entanto, ainda são escassas as investigações que buscam compreender, de forma mais aprofundada, como os próprios jovens percebem a si mesmos e a experiência de ser jovem em um contexto social marcado por desigualdades. Estudos recentes, como o de Zan et al. (2025, no prelo), apontam para essa lacuna, indicando a necessidade de pesquisas que explorem as representações da juventude construídas pelos próprios sujeitos juvenis. Nesse sentido, o presente estudo busca contribuir para esse debate ao analisar como jovens estudantes do Ensino Médio representam a juventude e suas experiências cotidianas, ampliando a compreensão sobre essa fase da vida a partir de suas próprias vozes.

Afinal, quem são os jovens escolarizados de uma escola pública da rede estadual em Porto Alegre? Que sentidos atribuem à experiência de ser jovem e como percebem as condições e desafios que marcam suas trajetórias escolares e sociais? Compreender as juventudes no contexto escolar exige um olhar atento para as singularidades e as múltiplas vivências que atravessam a condição juvenil, marcada por questões de classe, raça, gênero e território. A escola não é apenas o espaço de aprendizagem formal, mas também um território de socialização, produção de significados e construção de identidades (Silva & Oliveira, 2023). Nesse ambiente, as desigualdades sociais se materializam, revelando a diversidade das juventudes e suas estratégias para lidar com as exigências do mundo escolar e com os desafios que enfrentam em suas realidades cotidianas. Assim, conhecer quem são esses jovens não significa apenas levantar dados sobre suas origens e condições de vida, mas entender como constroem suas perspectivas de futuro, quais discursos mobilizam para definir suas juventudes e de que maneira a escola participa desse processo. Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa foi conhecer quem são os jovens escolarizados de uma escola da rede estadual em Porto Alegre, buscando refletir sobre suas percepções de juventude.

Metodologia

A pesquisa classifica-se como qualitativa (Gil, 1994), uma vez que os dados coletados durante o diálogo com e entre os jovens não são quantificáveis. Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada, já que busca contribuir para fins práticos, propondo soluções para problemas concretos (Andrade, 2010). Em relação aos seus objetivos, caracteriza-se como descritiva, pois adota técnicas que descrevem percepções, opiniões e atitudes dos jovens escolarizados ao longo do processo investigativo. No que se refere aos procedimentos metodológicos, optou-se pelo estudo de caso (Gil, 1994).

Para a realização da pesquisa, foi escolhida uma escola da rede estadual de Porto Alegre que oferece vagas para o Ensino Médio, com foco nos estudantes do primeiro ano. Essa escolha levou em consideração a existência de mais de cinco turmas nessa etapa escolar e a localização estratégica da instituição, que facilitou a logística para a pesquisadora, que conciliava a pesquisa com trabalho, estágio e estudos universitários. A escola situa-se na zona centro-sul de Porto Alegre e atende cerca de 700 estudantes matriculados nos níveis de Ensino Fundamental, Ensino Médio (regular e EJA) e Ensino Técnico, em turnos matutino, vespertino e noturno. Sua localização, de fácil acesso por transporte público, atrai alunos de diversos bairros de Porto Alegre e de cidades da Região Metropolitana.

Dados obtidos junto à direção da escola sobre o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), apontam que o IDEB de 2023 para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais está acima de 4, enquanto os Anos Finais estão acima de 3,5. O índice referente ao Ensino Médio não foi divulgado. As taxas de aprovação, reprovação e abandono indicam que os maiores índices de aprovação concentram-se nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, enquanto as maiores taxas de reprovação ocorrem

nos Anos Finais. O abandono escolar atinge seu ápice no 1º ano do Ensino Médio, chegando a quase 14%.

Os sujeitos da pesquisa foram jovens entre 15 e 17 anos, estudantes do primeiro ano do Ensino Médio regular. Foram convidados quinze alunos para participar, conforme a orientação de Ressel et al. (2008), que recomenda grupos focais com seis a quinze integrantes. No entanto, devido a questões pessoais dos sujeitos, oito jovens participaram efetivamente do grupo focal.

A produção de dados ocorreu por meio da técnica do grupo focal, caracterizada como um espaço de discussão sobre temas específicos. Nesse formato, ao receberem estímulos e perguntas direcionadas, os jovens se sentem mais à vontade para dialogar entre pares, o que não seria tão espontâneo em entrevistas individuais. Segundo Ressel et al. (2008), essa técnica facilita a emergência de novas ideias e interpretações, além de possibilitar a compreensão de crenças, valores, conceitos e pontos de vista do grupo. O grupo focal foi realizado em uma sessão, com perguntas e materiais que estimularam o diálogo, organizados no eixo temático “Sobre as juventudes”.

A análise dos dados seguiu a metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), estruturada em três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Na pré-análise, o pesquisador realiza uma leitura preliminar do material e dos referenciais teóricos, formulando hipóteses. A exploração do material consiste na análise aprofundada dos dados coletados, utilizando entrevistas abertas ou fechadas para esgotar as possibilidades interpretativas. Por fim, o tratamento dos resultados envolve a categorização e a interpretação das informações, confrontando teoria e prática para responder às hipóteses formuladas. Para esta pesquisa, a pré-análise correspondeu à organização e transcrição do conteúdo gravado durante o grupo focal. Na etapa de exploração, realizou-se a análise do material transcrito e selecionado. O tratamento dos resultados envolveu a validação e interpretação das informações obtidas. Foi definida a priori uma categoria de análise intitulada “Quem são esses jovens?”, com o objetivo de compreender as percepções dos participantes sobre a juventude e suas reflexões acerca do início e do fim dessa etapa da vida.

A pesquisa seguiu rigorosamente as orientações éticas estabelecidas pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016). Foram adotados cuidados para preservar o anonimato da escola e dos participantes. A escola assinou o Termo de Anuência; os jovens menores de 18 anos assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, e seus responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A participação foi voluntária, e o objetivo da pesquisa e os procedimentos metodológicos foram explicados previamente, tanto no convite quanto no dia da pesquisa. Aos participantes foi assegurado o direito de desistir a qualquer momento, sem prejuízo, especialmente considerando o caráter pessoal e opinativo das discussões realizadas.

Resultados e Discussão

Antes de iniciar o grupo focal, foram organizados todos os materiais necessários para sua realização. Nesse momento, os jovens participantes decidiram que seriam representados por cores, que foram distribuídas da seguinte forma: Rosa, Amarelo, Roxo, Verde, Preto, Azul, Marrom e Vermelho. A caracterização geral dos sujeitos encontra-se no quadro 1 a seguir.

Cor/ Dado	Rosa	Amarelo	Roxo	Verde	Preto	Azul	Marron	Vermelho
Idade	15	17	15	16	16	17	16	17
Gênero	Mulher	Feminino	Feminino	Como homem macho masculino	Mulher	Macho / bagual	Masculino	Masculino
Etnia	Parda		Branca	Branco	Parda	Branco	Branco	Masculino
Série escolar	1º ano Ensino Médio	1º ano Ensino Médio	1º ano Ensino Médio	1º ano Ensino Médio	1º ano Ensino Médio	1º ano Ensino Médio	1º ano Ensino Médio	1º ano Ensino Médio
Bairro	Partenon	Cristal	Partenon	Azenha	Azenha	Azenha	Cascata	Ipanema
Trabalho	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Possui celular	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: banco de dados da pesquisa (2024). Organização: autores (2024).

Com relação aos jovens-estudantes que participaram da pesquisa, eles têm idades entre 15 e 17 anos, sendo que todos estão no 1º ano do Ensino Médio. Todas as informações descritas no quadro anterior foram anotadas da mesma maneira que os alunos as escreveram na caracterização. Em relação à etnia, uma jovem não respondeu, quatro se identificaram como brancos, dois se identificaram como pardos e um indicou masculino como etnia. Quanto ao bairro de residência, os jovens mencionaram morar nos bairros Azenha, Cristal, Partenon, Ipanema e Cascata. No que tange ao trabalho, cinco jovens já ingressaram no mercado de trabalho, enquanto três ainda não trabalham. No que se refere ao celular, todos os jovens afirmaram possuir celulares próprios.

As formas como os jovens participantes se autodenominam em relação ao gênero revelam a diversidade de construções identitárias e os significados que atribuem a essa dimensão. Expressões como “mulher” e “feminino” aparecem de maneira direta, enquanto identificações como “macho/bagual” e “homem macho masculino” indicam a presença de um imaginário masculinizado associado a traços de virilidade e força, possivelmente influenciado por contextos culturais específicos. Essa pluralidade de autodefinições reforça a ideia de que gênero é uma construção social que atravessa a experiência juvenil, como discutido por Weller (2005), ao destacar que as relações de gênero não apenas estruturam os modos de ser jovem, mas também influenciam as expectativas e possibilidades atribuídas a diferentes sujeitos. Da mesma forma, Abramovay et al. (2010) apontam que as identidades de gênero entre os jovens são marcadas por códigos simbólicos e performances que podem reafirmar ou tensionar padrões normativos, sendo, muitas vezes, ressignificadas dentro dos próprios grupos juvenis. No contexto desta pesquisa, os modos como os participantes se identificam sugerem que as percepções sobre juventude estão imbricadas com a construção de masculinidades e feminilidades, evidenciando como o gênero influencia a forma como essa fase da vida é compreendida e vivida.

Para compreender melhor os jovens participantes do estudo e também explorar seus gostos musicais, foi perguntado na caracterização geral dos alunos quais seus estilos musicais favoritos. Considerando que muitos jovens se identificam e se expressam por meio das músicas que ouvem, alguns estudantes indicaram mais de um estilo musical favorito. Dessa forma, os estilos foram agrupados de acordo com o número de jovens que os indicaram. Dois jovens disseram gostar de todos os estilos musicais; dois responderam que preferem músicas Pop em geral; quatro jovens apontaram o Trap como seu estilo favorito; dois jovens preferem Gospel; dois gostam de Pagode; dois se identificaram com o estilo Funk e, por fim, apenas um jovem mencionou gostar de Jazz.

Em relação ao acesso à internet e às redes sociais, dos oito jovens que participaram do grupo focal, apenas

jovem?”, e, por isso, no quadro de palavras estão destacadas algumas idades, como “30” e “20”, que se referem às faixas etárias mencionadas com mais frequência pelos alunos. Inicialmente, os jovens associavam o fim da juventude à chegada das responsabilidades, como o início do ingresso no mercado de trabalho, concordando, até então, com o que foi sugerido por Santana.

No entanto, o discurso mudou quando uma jovem afirmou: “Se for falar em responsabilidade, tu vai falar que eu não sou mais jovem? Eu já tenho [Preto, mulher, parda, 16 anos].” Essa jovem, que já trabalha e contribui para o sustento da sua casa, fez com que os alunos começassem a repensar suas ideias sobre a juventude, sobre o início e o fim desse período. Os alunos começaram a perceber que a juventude está mais relacionada à percepção e à personalidade de cada indivíduo (Silva; Oliveira, 2023).

Alguns exemplos dados pelos jovens incluem: “Meu vô, tipo, meu vô, por exemplo, pra ele, jovem é quem tem 40 anos, 30 anos” [Verde, homem, branco, 16 anos]. “Minha mãe tem 40 anos e passou o final de semana inteiro fora de casa em festas” [Preto, mulher, parda, 16 anos]. “Eu não tenho nem 30 anos e não saio desse jeito para festas” [Marrom, homem, branco, 16 anos].

Quando questionados sobre o início e o fim da juventude, os jovens estavam confusos sobre o momento exato de sua marcação. Alguns mencionaram que a juventude começaria com a entrada na vida escolar (Dayrell, 2003), enquanto outros associaram seu início à puberdade. Já em relação ao fim da juventude, ao ser perguntado se ele estaria relacionado ao ingresso no mercado de trabalho, e se existiria um marco final para a juventude, a resposta foi clara: “Eu acho que não” [Rosa, mulher, parda, 15 anos]. O questionamento também gerou respostas como: “Depende, sora. Tem gente que quer continuar vivendo [como jovem] e tem gente que não” [Verde, homem, branco, 16 anos]. “Cada um tem o seu tempo” [Amarelo, mulher, 17 anos].

Quando foi informado aos alunos que, segundo o EJUVE (Brasil, 2013), a juventude está compreendida na faixa etária entre os 15 e 29 anos, os jovens não concordaram com essa definição, pois para eles, é impossível “medir” a juventude. Como afirmaram: “Como a gente falou, a juventude é muito relativa. Cada pessoa tem uma juventude diferente, entendeu? Então a gente não pode medir” [Preto, mulher, parda, 16 anos]. “É, tem gente que vai desfrutar da sua juventude quando fica mais velho, né?” [Verde, homem, branco, 16 anos]. “É verdade. Como ele falou, começou a trabalhar muito jovem e só conseguiu aproveitar a juventude bem mais velho” [Azul, homem, branco, 17 anos].

Isso reflete a teoria de Pais (2016), que compara a juventude contemporânea a um “ioiô”. Muitas vezes, os jovens assumem responsabilidades de adultos ao deixar a escola para trabalhar e se casar. Contudo, rapidamente podem retornar à condição juvenil ao se divorciarem, perderem o emprego ou voltarem aos estudos, redescobrando a juventude em outro momento da vida. Essa perspectiva revela que os jovens entendem a juventude como uma percepção subjetiva e individual, não limitada à definição apenas etária.

Ao serem questionados sobre “O que é ser jovem para vocês?”, muitos estudantes associaram a juventude à imaturidade, à ausência de responsabilidades, e à liberdade de cometer erros. De acordo com Claudino (2023), há séculos, ser jovem é frequentemente relacionado à imaturidade e irresponsabilidade, e esse estereótipo ainda perdura entre muitos jovens. Alguns afirmaram: “É porque é vivendo que se aprende, né, meu. Eu acho que ser jovem é tu explorar tudo que a vida pode te oferecer” [Azul, homem, branco, 17 anos].

Quando solicitado aos participantes que definissem os jovens em apenas uma palavra, muitas respostas refletiram a associação da juventude com a falta de responsabilidade. Palavras como “errar”, “viver”, “se permitir”, “aproveitar” e “imaturidade” foram as mais citadas. Apenas dois alunos mencionaram as palavras “adolescência” e “responsabilidade”. Isso evidencia que, mesmo entre os próprios jovens, a ideia de que a juventude é um período de cometer erros ainda está bastante enraizada.

De acordo com Gamalho (2023), ao longo do tempo, a juventude foi caracterizada pela rebeldia, contestação e transformação. É durante esse período que os jovens constroem suas personalidades e opiniões, e se rebelam contra injustiças e normas, buscando transformar o status quo. Esse processo de contestação é vital para questionar os padrões estabelecidos e para o surgimento de uma postura crítica em relação à sociedade.

Embora muitos jovens compartilhem essa visão de juventude, a realidade de muitos deles já está marcada por responsabilidades, especialmente os que já ingressaram no mercado de trabalho e contribuem para o sustento da família. Gamalho (2023) aponta que jovens que têm a demanda de contribuir no orçamento familiar ou que ingressam no mercado de trabalho para suprir os próprios desejos de consumo não vivenciam a juventude como ócio formativo (p. 45).

Essa realidade evidencia que as juventudes são vividas de maneiras distintas, dependendo de fatores

como classe social e responsabilidades individuais (Abramo, 2005). Como mencionou uma jovem: “Às vezes preciso trabalhar ao invés de curtir minha juventude indo ao shopping, por exemplo, devido a condições financeiras diferentes” [Preto, mulher, parda, 16 anos].

A pesquisa de Oliveira (2015) também revelou um padrão em que muitos jovens associam a juventude apenas ao lazer (34% dos jovens), enquanto outros consideram a juventude como um período de tomada de decisões (13%), ou ainda uma fase de diversão, mas com responsabilidades (13%). A pesquisa de Oliveira, realizada quase 10 anos atrás, mostra que as opiniões dos jovens continuam a refletir essa dicotomia, com a juventude sendo vista como um período tanto de “curtição” quanto de responsabilidades.

Martins e Carrano (2011) ressaltam que os jovens estão inseridos em realidades muito diversas, em que fatores como inclusão/exclusão, poder aquisitivo, inserção social e questões de gênero, entre outros, influenciam diretamente na construção de suas identidades. Esses fatores moldam as vivências de cada jovem, com realidades culturais e econômicas distintas, como foi apontado pelos alunos ao serem questionados se “todas as juventudes são iguais ou se existem diferenças”. Os participantes destacaram que jovens de diferentes contextos, como os que começam a vida sexual mais cedo, ou os que assumem responsabilidades financeiras desde cedo, vivenciam a juventude de maneira muito diferente de outros jovens, com menos responsabilidades. Um dos alunos destacou essa disparidade: “Sora, eu acho que tem diferença quando tem uma vida financeira diferente. Por exemplo, uma guria de 17 anos, da minha idade, tem uma vida financeira melhor que a minha, ela tem condições de passar a tarde inteira fazendo outras coisas, se divertindo, indo no shopping e eu não posso, eu vou ter que estar trabalhando” [Preto, mulher, parda, 16 anos].

Além disso, as questões de criação parental também influenciam a vivência da juventude. Alguns jovens mencionaram a diferença entre aqueles com pais mais permissivos e os que têm pais mais protetores, com visões divergentes sobre como a proteção impacta a liberdade juvenil. Como discutido pelos participantes: “Tem pessoas que não conseguem aproveitar a juventude porque os pais prendem demais” [Verde, homem, branco, 16 anos]. “Eu tenho um amigo meu que a mãe dele é muito chata, toda vez que ele tem que sair, ele tem que sair escondido, porque a mãe dele é louca, vamos dizer assim, ele não pode sair de casa” [Azul, homem, branco, 17 anos]. Mas, por outro lado: “Não é questão de ser chata, é questão de querer proteger o filho” [Marrom, homem, branco, 16 anos].

Os jovens também destacaram que a cultura influencia diretamente a vivência da juventude (Pais, 2016). Alguns mencionaram a realidade de outros países, como a Índia, onde as condições econômicas forçam as crianças a trabalhar desde cedo. Nesse sentido, as diferenças culturais são fundamentais para a compreensão das distintas experiências de juventude, como exemplificado nas falas dos alunos: “Na Índia, por ser um país muito pobre, eles têm que começar desde novo. Que nem o meu vô, meu vô começou a trabalhar com 7 anos de idade, porque ele tinha que ajudar a mãe dele dentro de casa” [Verde, homem, branco, 16 anos].

Essas reflexões sobre a juventude, sua pluralidade e os contextos que a influenciam, reforçam a ideia de que não se pode tratar a juventude de forma homogênea, mas sim como “juventudes”, no plural, reconhecendo as diversas formas de vivê-la. A sociedade, ao tentar definir juventude como um único conceito, limita a riqueza e a complexidade das experiências de ser jovem. O conceito de juventude deve, portanto, ser entendido como múltiplo, moldado por contextos sociais, econômicos e culturais diversos.

Considerações

Esta pesquisa teve como principal objetivo conhecer as percepções e representações de jovens estudantes do Ensino Médio sobre a juventude, suas experiências cotidianas e seus interesses, buscando compreender como constroem sentidos para essa etapa da vida. O estudo foi realizado em uma escola pública de Porto Alegre e recortou um grupo de oito jovens, todos estudantes do 1º ano do Ensino Médio, com idades entre 15 e 17 anos. A pesquisa se insere no campo das discussões sobre juventudes, partindo de uma perspectiva plural e crítica, que reconhece a diversidade das vivências juvenis e suas relações com as desigualdades sociais, culturais e econômicas.

Metodologicamente, a pesquisa foi conduzida através da realização de um grupo focal, que contou com momentos prévios de preparação, como a elaboração de um roteiro de perguntas, a seleção de materiais audiovisuais para provocar reflexões e a aplicação de um questionário de caracterização geral dos jovens participantes. O grupo focal foi pensado como um espaço de diálogo e troca de experiências, onde os jovens

puderam expressar suas opiniões, compartilhar histórias e refletir sobre as múltiplas dimensões que atravessam suas vidas. As conversas foram registradas, transcritas e analisadas, sempre respeitando o anonimato dos participantes, que foram identificados por cores escolhidas por eles próprios.

A caracterização inicial revelou um grupo de jovens com diferentes experiências e contextos de vida, destacando aspectos como gênero, etnia, bairro de residência, inserção no mercado de trabalho e preferências culturais. Os dados mostraram que, embora todos possuam celulares próprios, o acesso à internet ainda é limitado para a maioria, restringindo-se a redes Wi-Fi. Em termos de gostos musicais, houve uma pluralidade de estilos, que variam entre Trap, Pop, Pagode, Gospel, Funk e Jazz, evidenciando a diversidade cultural e identitária desses jovens.

A análise das falas durante o grupo focal trouxe elementos importantes sobre a forma como os jovens percebem a juventude. Eles apontaram a pluralidade das experiências juvenis, reconhecendo que não há uma única forma de ser jovem, mas múltiplas juventudes marcadas por questões sociais, culturais e econômicas. Entre os destaques, sobressai a visão da juventude como um momento de experimentação e aprendizado, mas também de desafios e responsabilidades, especialmente para aqueles que já precisam trabalhar para contribuir com o sustento familiar. A juventude, para eles, não pode ser reduzida a uma faixa etária, mas envolve processos de construção de identidade e pertencimento que variam de acordo com as condições de vida de cada um.

A pesquisa apresentou algumas novidades relevantes, sobretudo ao evidenciar como esses jovens enxergam a pluralidade das juventudes e rejeitam visões homogêneas ou simplificadas dessa fase da vida. Além disso, o diálogo com os jovens revelou uma percepção crítica sobre as desigualdades que atravessam suas experiências, especialmente relacionadas ao acesso a recursos digitais e às possibilidades de lazer e consumo cultural. O uso do grupo focal como metodologia também se mostrou produtivo, permitindo que as vozes dos jovens emergissem de maneira mais autêntica e reflexiva.

A partir dos resultados obtidos, abrem-se possibilidades para novas pesquisas que aprofundem a compreensão sobre a relação entre juventude, trabalho e acesso a recursos digitais, investigando como essas dimensões impactam os projetos de vida dos jovens. Estudos futuros também poderiam explorar a conexão entre gostos culturais e processos identitários ou ampliar o recorte para incluir outros contextos escolares, comparando realidades de diferentes territórios.

Por fim, esta pesquisa reforça a importância de ouvir os jovens, reconhecer suas vozes e compreender suas realidades para construir uma educação mais significativa e conectada às suas vidas. A investigação reafirma a potência das juventudes em suas múltiplas expressões, mostrando que, embora enfrentem desafios cotidianos, esses jovens são protagonistas de suas histórias e têm muito a ensinar sobre como navegar pelas complexidades do mundo contemporâneo.

Créditos

Conceitualização; Análise formal; Investigação; Escrita – rascunho original; Escrita – revisão e edição - Luisa Carolina Charczuk Viana Barth

Conceitualização; Análise formal; Investigação; Administração de projetos; Supervisão; Escrita – revisão e edição - Victor Hugo Nedel Oliveira

Referências

Abramo, H. W. (2005). *Condição juvenil no Brasil contemporâneo*. In H. W. Abramo & P. P. M. Branco (Orgs.), *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional* (pp. 37–72). São Paulo: Editora Fundação Perseu.

Abramovay, M., Cunha, A. L., Calaf, P. P., Carvalho, L. F. de, Castro, M. G., Feffermann, M., Neiva, R. R., & Maciel, M. (2010). *Gangues, gênero e juventudes: donas de rocha e sujeitos cabulosos*. Secretaria de Direitos Humanos. Disponível em <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1081883>

Andrade, M. M. (2010). *Introdução à metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1074307>

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Barros, A. T. de. (2018). Juventude e poder político local: a percepção e o discurso de jovens sobre as eleições municipais de 2016. *Sociedade E Estado*, 33(3), 849–886. <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-201833030009>

Brasil. (2013). Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens. *Diário Oficial da União: seção 1*. Brasília, DF, 6 ago. 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/lei/l12852.html

Brasil. Conselho Nacional de Saúde. (2016). Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Trata das diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Diário Oficial da União: seção 1*. Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html

Cavalcanti, L. S. (2012). A “Geografia do Aluno” como referência do conhecimento geográfico construído em sala de aula. In L. S. Cavalcanti, *O ensino de Geografia na escola* (pp. 45–47). Campinas: Papirus. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2799015/mod_resource/content/2/texto15_libeo_plano%20de%20aula.pdf

Cavalcanti, L. S. (2023). Juventudes, ensino de Geografia e formação/atuação cidadãs. In V. H. N. Oliveira (Org.), *Geografias das juventudes*. Porto Alegre, RS: GEPJUVE. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256855>

CETIC.br. (2025). Perto da universalização do acesso à Internet, Brasil ainda tem maioria da população com baixa conectividade significativa, revela novo estudo. Disponível em: <https://www.cetic.br/pt/noticia/perto-da-universalizacao-do-acesso-a-internet-brasil-ainda-tem-maioria-da-populacao-com-baixa-conectividade-significativa-revela-novo-estudo/>

Claudino, S. (2023). Juventude e cidadania territorial: o protagonismo construído desde a escola. In V. H. N. Oliveira (Org.), *Geografias das juventudes*. Porto Alegre, RS: GEPJUVE. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256855>

Dayrell, J. (2003). O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, 24, 40–52. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/>

Gamallo, N. P. (2023). Juventudes e as periferias. In V. H. N. Oliveira (Org.), *Geografias das juventudes*. Porto Alegre, RS: GEPJUVE. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256855>

Gil, A. C. (1994). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (4ª ed.). São Paulo: Atlas.

Johan, E. R., & Felippi, Â. C. T. (2018). Identidade territorial e juventude: A percepção dos jovens do Vale do Rio Pardo/RS sobre o território, por meio da fotografia. *Revista Colóquio*, 15(1). <https://seer.faccat.br/index.php/coloquio/article/view/767>

Martins, C. H. S., & Carrano, P. C. R. (2011). A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. *Revista Educação*, 36(1). Santa Maria. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/2910>

Novaes, R., Ribeiro, E., & Macedo, S. (2023). Políticas públicas de juventude? Anotações sobre processos, aprendizado e desafios. In V. H. N. Oliveira (Org.), *Debates sobre juventudes*. Porto Alegre: GEPJUVE. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257780/001167894.pdf>

Oliveira, V. H. N. (2015). *Somos jovens: o ensino de Geografia e a escuta das juventudes* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/128887>

Oliveira, V. H. N. (2020). *Jovens olhares sobre a cidade: lugares e territórios urbanos de estudantes porto-*

alegrenses [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. Repositório Institucional PUCRS. <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9109>

Oliveira, V. H. N. (2021). Estado da arte de publicações sobre juventudes e educação em revistas A2 de universidades federais brasileiras. *Cadernos de Pesquisa*, 28(4), 317–342. <https://doi.org/10.18764/2178-2229v28n4.202168>

Oliveira, V. H. N. (2024a). Propostas para a IV Conferência Nacional de Juventude: Direito ao Desporto e Lazer. *Revista FSA (Faculdade Santo Agostinho)*, 21, 200–222. <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/2903/491494306>

Oliveira, V. H. N. (2024b). Do direito ao território e à mobilidade: Análise das propostas enviadas à IV Conferência Nacional de Juventude. *Geoingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia*, 16, 239–264. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/70880>

Oliveira, V. H. N. (2024c). Explorando propuestas para la IV Conferencia Nacional de la Juventud: El derecho a la comunicación y libertad de expresión. *Última Década*, 32, 10–36. <https://ultimadecada.uchile.cl/index.php/UD/article/view/74922>

Pais, J. M. (2016). *Ganchos, tachos e biscate: jovens, trabalhos e futuro* (4ª ed.). Edições Machado. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/24070>

Peralva, A. (1997). O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*, 5. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/442_1175_abramowendel.pdf

Ressel, L. B., Beck, C. L. C., Gualda, D. M. R., Hoffmann, I. C., Da Silva, R. M., & Sehnem, G. D. (2008). O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. *Texto & Contexto – Enfermagem*, 17(4). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/nznnfzrCVv9FGXhwnGPQ7S/>

Santana, R. B. J. (2023). Juventudes em territórios não-ocidentais: uma perspectiva teórica. In V. H. N. Oliveira & M. M. Pimenta (Orgs.), *Juventudes e territórios*. Porto Alegre: GEPJUVE. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/256981/001166652.pdf>

Santos, V. M., & Mezzaroba, C. (2013). A percepção da imagem corporal: algumas representações de corpo na juventude. Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/236098>

Silva, T. A. A. (2016). Políticas públicas de juventude e meio ambiente: O que a percepção socioambiental dos jovens pode dizer? *Ciências Sociais Unisinos*, 52(2). https://copiarevistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2016.52.2.08

Silva, G. B., & Oliveira, V. H. N. (2023). Quem são os jovens que vivenciam o “novo” Ensino Médio? Um estudo de caso em Porto Alegre/RS. *Revista Educar Mais*, 7, 915–930. <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/3442>

Verneque, D. O. (2023). Juventudes e territórios como campos de disputa: uma leitura geográfica. In V. H. N. Oliveira & M. M. Pimenta (Orgs.), *Juventudes e territórios*. Porto Alegre, RS: GEPJUVE. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/256981/001166652.pdf>

Weller, W. (2005). Gênero e juventude. *Revista Estudos Feministas*, 13(1), 103–106. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000100007>

Zan, D. D. P., Novais, J. O. S., Oliveira, R. C., & Oliveira, V. H. N. (2025). Temas clássicos e emergentes nos estudos de juventude: Relevância e pulverização (no prelo).